

O LUTO DECORRENTE DA PERDA DE UM FAMILIAR DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

GRIEF RESULTING FROM THE LOSS OF A FAMILY MEMBER DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Artigo recebido em: 24/11/2025

Artigo aceito em: 23/2/2026

Deborah Karine de Souza Lima*

*Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4676-6258>

Deborah.lima@eenf.ufal.br

Diana Hadaça de Lima Araujo Vilela*

*Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0042-3535>

diana.vilela@ifac.edu.br

Isabel Comassetto*

*Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2389-9384>

isabel.comassetto@eenf.ufal.br

Thatiana da Fonseca Peixoto**

**Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3290-1001>

enfathatianapeixoto@gmail.com

Amuzza Aylla Pereira dos Santos*

*Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6299-7190>

amuzza.santos@gmail.com

Thais Honório Lins Bernardo*

*Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8058-8400>

thais.bernardo@gmail.com

Vitor Comassetto Paes***

*** Faculdade Unina – Afya, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7984-0997>

vitor2005vcp@gmail.com

The authors declare that there is no conflict of interest

Resumo

Objetivo: Compreender, à luz da fenomenologia existencial, o fenômeno velado no luto decorrente da perda de um familiar durante a pandemia da COVID-19. Metodologia: Estudo fenomenológico fundamentado no referencial existencial de Martin Heidegger. A pesquisa foi realizada em dois estados do Nordeste brasileiro. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas integralmente e iniciadas com questões sociodemográficas, seguidas pela entrevista fenomenológica. A análise foi orientada pelo círculo hermenêutico de

Abstract

Objective: To understand, in light of existential phenomenology, the hidden phenomenon within grief resulting from the loss of a family member during the COVID-19 pandemic. Methodology: A phenomenological study grounded in the existential framework of Martin Heidegger. The research was conducted in two states in Northeast Brazil. Interviews were audio-recorded, fully transcribed, and began with sociodemographic questions followed by the phenomenological interview. Data analysis was guided by



Heidegger, contemplando interpretação ôntica e ontológica. Resultados: Participaram dez familiares enlutados pela perda de parentes por COVID-19, com predominância feminina (n=8) e idades entre 27 e 66 anos. A análise fenomenológica, fundamentada em Heidegger, revelou que o luto foi marcado pelo choque diante da morte abrupta, pela impossibilidade de acompanhar o cuidado e realizar rituais de despedida e por sentimentos de medo, culpa e angústia existencial.

Conclusão: A análise fenomenológica, fundamentada em Heidegger, revelou que o luto de familiares pela COVID-19 foi marcado por sofrimento, ruptura das relações e dificuldades na elaboração da perda em contexto pandêmico. Evidenciou-se a necessidade de atenção e cuidado específico aos enlutados, a fim de minimizar impactos psíquicos. Os achados contribuem para a prática e o ensino em enfermagem, ampliando a compreensão do luto em condições extremas.

Palavras-chave: Luto. COVID-19. Família. Enfermagem. Fenomenologia.

Heidegger's hermeneutic circle, encompassing ontic and ontological interpretation. Results: Ten family members grieving the loss of relatives due to COVID-19 participated in the study, with a predominance of women (n=8) aged between 27 and 66 years. The phenomenological analysis revealed that grief was marked by shock in the face of sudden death, the impossibility of accompanying care and performing farewell rituals, and feelings of fear, guilt, and existential anguish. Conclusion: The phenomenological analysis showed that family grief during the COVID-19 pandemic was characterized by suffering, rupture of relationships, and difficulties in processing the loss within a pandemic context. The findings highlight the need for specific attention and care for bereaved individuals to minimize psychological impacts. These results contribute to nursing practice and education by expanding the understanding of grief in extreme circumstances.

Keywords: Grief. COVID-19. Family. Nursing. Phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

O adoecimento, a morte e o luto configuram experiências particularmente desafiadoras para as famílias, sobretudo em contextos pandêmicos (AREIA *et al.*, 2017). A pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, ocasionou milhões de casos e óbitos, incluindo 669.530 mortes no Brasil até junho de 2022 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). A rápida disseminação do vírus demandou medidas rigorosas de isolamento social, com repercussões significativas na saúde mental e nas relações familiares (MALTA *et al.*, 2020; AHMED *et al.*, 2020).

As perdas múltiplas — de vidas, vínculos e estabilidade — intensificaram o impacto do luto na sociedade (Silva; Souza, 2024; WANG *et al.*, 2020). Embora a morte constitua dimensão inerente à existência humana (HEIDEGGER, 2015; GOMES; SOUSA, 2017), sua negação na modernidade (KUBLER-ROSS, 1996; BROOKS *et al.*, 2020) tornou a perda abrupta em contexto de isolamento hospitalar ainda mais difícil de elaborar (SCHMIDT *et al.*, 2020; CARDOSO *et al.*, 2020).

A impossibilidade de rituais funerários tradicionais e o impedimento do contato presencial com os falecidos fragilizaram a vivência simbólica da perda (LEITE, 2019; SOUZA JÚNIOR; HENDERSON, 2021), favorecendo quadros de luto complicado

(DODD *et al.*, 2020; BAJWAH *et al.*, 2020). Apesar do uso de tecnologias para viabilizar despedidas virtuais, tais recursos não substituíram os rituais coletivos e o suporte emocional presencial (ARANGO, 2020; INGRAVALLO, 2020).

O luto, ainda que singular, possui dimensões coletivas que repercutem sobre as relações familiares (LOPES *et al.*, 2021). Quando não elaborado, pode desencadear adoecimentos psicológicos e somáticos (Araújo *et al.*, 2023). Na pandemia, o sofrimento intensificado exigiu ressignificação diante da ausência de rituais e da vivência coletiva do medo da morte (LOBIANCO; COSTA-MOURA, 2020; CREPALDI *et al.*, 2020).

Compreender o luto de familiares que perderam entes queridos para a COVID-19 é fundamental para qualificar a assistência em enfermagem e orientar cuidados que integrem dimensões emocionais, sociais e espirituais (Silva; Guimarães, 2020). As perdas súbitas e a impossibilidade de despedida intensificaram o sofrimento, produzindo um luto frequentemente silencioso e despersonalizado, que repercute no modo de ser e na compreensão de si dos familiares.

À luz da fenomenologia existencial heideggeriana, o luto é compreendido como um modo de existir-no-mundo em que a morte do outro desvela a própria finitude e convoca o ser-aí à angústia e à abertura de possibilidades. Assim, a pesquisa se justifica por sua relevância social e humana ao elucidar fenomenologicamente o ser-no-luto diante da morte por COVID-19 e ao subsidiar práticas de cuidado mais sensíveis em contextos de crise. Buscou-se compreender, à luz da fenomenologia existencial, o fenômeno velado no luto decorrente da perda de um familiar durante a pandemia da COVID-19.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo fenomenológico fundamentado no referencial existencial de Martin Heidegger. A construção do artigo seguiu as recomendações do checklist COREQ para pesquisas qualitativas. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 54137731.8.0000.5013) e atendeu às Resoluções nº 510/2016 e nº 466/2012 do CNS/CONEP. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com garantia de anonimato mediante pseudônimos (“P” + numeração ordinal).

A pesquisa foi realizada em dois estados do Nordeste brasileiro, entrevistas realizadas em locais escolhidos pelos próprios participantes, geralmente suas residências.

As entrevistas, com duração média de 30 a 40 minutos, ocorreram entre 15 de março e 10 de junho de 2022. Participaram dez familiares enlutados, maiores de 18 anos, com vínculo afetivo próximo ao falecido e que acompanharam o processo de adoecimento e morte por COVID-19. Foram excluídos indivíduos sem condições cognitivas, sob efeito de substâncias psicoativas ou com vínculo afetivo com a pesquisadora.

As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas integralmente e iniciadas com questões sociodemográficas, seguidas pela entrevista fenomenológica (Vieira *et al.*, 2018), disparada pela pergunta: “Conte sobre sua experiência vivida no luto pela morte do seu familiar pela COVID-19.”

A análise foi orientada pelo círculo hermenêutico de Heidegger (2015), contemplando interpretação ôntica e ontológica. Seguiram-se os três momentos descritos por Castañeda, Menezes e Vargas (2017): pré-compreensão, compreensão e interpretação, entendida como projeção de possibilidades de sentido. A partir da leitura compreensiva e da aplicação dos conceitos heideggerianos de historicidade, temporalidade, mundanidade, falatório e tradição, emergiu a unidade de significado segundo a qual a compreensão da saúde mental ocorre, majoritariamente, de forma imprópria, sendo frequentemente associada à doença mental. Tais percepções refletem o falatório familiar e os pré-conceitos construídos no processo formativo, influenciados pelo modo de ser das docentes.

3 RESULTADOS

Entre os dez participantes do estudo, todos enlutados pela perda de um familiar em decorrência da COVID-19, observou-se predominância do sexo feminino (n=8), com idades entre 27 e 66 anos. Em termos de escolaridade, cinco possuíam ensino superior completo, quatro tinham ensino médio e um apresentava ensino fundamental. Quanto à religiosidade, quatro participantes declararam-se católicos, cinco evangélicos e um espírita. Durante os encontros, solicitou-se que cada participante apresentasse uma frase que representasse simbolicamente sua experiência de luto vivido.

A ontologia fundamental de Heidegger permitiu compreender o modo de ser dos familiares enlutados pela COVID-19, revelando como o Dasein se manifesta diante da perda. A análise fenomenológica destacou quatro temáticas ontológicas ligadas ao ser-aí, evidenciando um vivido marcado pelo sofrimento, pela compreensão da perda e pelo

confronto com a finitude. O luto foi atravessado pelo isolamento, pela ruptura das interações cotidianas e pela impossibilidade de acompanhar o cuidado e a despedida, revelando a profundidade ontológica do sofrimento.

Os familiares experienciaram o Dasein lançado diante da morte iminente do ente querido, revelando-se atravessados pelo choque, pela incredulidade e pela angústia existencial. A impossibilidade de estar-com no momento final evidenciou a vulnerabilidade ontológica do ser-no-mundo, manifestando-se na sensação de vazio, de ausência de sentido e na impotência diante da finitude radical do outro:

“No dia em que ele saiu de casa para se internar, eu não achei que não fosse mais vê-lo vivo. Eu queria muito ter ficado com ele, dói muito não poder ter feito isso (P7). Eu não conseguia chorar, queria dar um apoio para a esposa dele, mas eu estava sem chão (P9). Fiquei sem acreditar. Já bateu o pânico. Não entrava na minha cabeça. Eu não aceitava, parecia estar faltando um pedaço de mim. Ele foi para o hospital e já voltou morto. Angustiava-me demais não ter visto ele.” (P4)

A expressão de P4 revela o ser-aí lançado no luto, vivenciando dor, angústia e não-aceitação diante da finitude, enquanto busca compreender e dar sentido à ausência do ente querido.

“A gente fica assim querendo compensar com algo, mas com o quê? Estou de luto, eu não consigo aceitar isso, não consigo.” (P4)

A limitação dos rituais funerários durante a pandemia intensificou a angústia do ser-enlutado, impedindo a mediação simbólica da perda e lançando o Dasein a um luto marcado pela desorientação e pela ausência do estar-com, evidenciado pelo esforço de P5 em preservar sentido diante das restrições da COVID-19.

“Só eu consegui entrar no cemitério, ver o enterro, eu precisava estar ali, eu sei que quando falecemos só fica o corpo ali, mas eu queria fazer essas honras, uma pessoa que você ama, e a gente não ter esse direito por causa da COVID.” (P5)

“O que mais afetou dessa COVID foi o sepultamento, de não poder me despedir, ela foi enrolada em um saco e pronto, como se tivessem nojo, foi muito difícil. No enterro, de caixão fechado, eu só pude ir até a porta do cemitério, isso impactou demais.” (P6)

“Eu não vi o corpo dele no hospital e nem depois, porque não teve velório. Foi rápido e com caixão fechado, senti que estava faltando algo, me tiraram o direito de honrá-lo, de fazer as homenagens, isso pesou muito porque ele

sempre dizia que, quando falecesse, queria um enterro bonito, brincava que queria ir de terno, com tudo que merecia.” (P10)

“Com muito custo, muita conversa com o psicólogo, liberaram para a gente ver o corpo dele, mas no saco, e quando vi meu pai ali dentro daquele saco, eu ainda não acreditava, eu olhava aquilo ali e pensava que era um boneco, que não era verdade.” (P9)

No horizonte heideggeriano, o luto na pandemia revela o enfraquecimento radical do *ser-com* estrutura constitutiva do existir humano. A perda do ente querido — marcada pela impossibilidade de acompanhar, cuidar e estar-com no processo de morrer — rompe abruptamente o ser-no-mundo do familiar, desvelando sua decadência e deslocando-o de seu cotidiano significativo.

A morte, insubstituível e definitiva, emerge como acontecimento que expõe o Dasein à solidão ontológica e o convoca à consciência de sua finitude. A ausência de presença e convivência intensifica a angústia, expressão do vazio instaurado pela ruptura do ser-com. Assim, o sofrimento do familiar enlutado manifesta-se como modo de ser que revela o impacto ontológico da perda, ao trazer à luz os limites e possibilidades da existência diante da morte.

“Após o falecimento, o que me doeu demais foi não estar junto, aquilo distante, sabe? Ela doente, piorando, e eu sem poder estar ali, sem poder fazer mais. O que mais afetou durante a pandemia foi isso, esse isolamento.” (P6)

“O que me deixou triste mesmo foi achar que eu poderia ter feito mais. Como profissional, como filha, poderia ter ido vê-la mais cedo quando ela adoeceu, para identificar logo o estado dela.” (P2)

“Às vezes penso que pode ter sido providência de Deus, porque talvez eu só piorasse a situação, sabendo que não poderia fazer nada. E quando ele foi para a UTI, ele disse que não queria ser transferido, e eu pedi para ele confiar em mim, e ele disse que confiava, daí ele morreu, a sensação de culpa que carrego é horrível.” (P4)

Na experiência da perda, o familiar, enquanto ser-no-mundo, é colocado diante da finitude do outro e, concomitantemente, de sua própria condição de ser-para-a-morte. A morte abrupta do ente querido convoca o Dasein a um confronto inevitável com sua existência, fazendo emergir sentimento de culpa, medo e angústia que desvelam o movimento de decadência, caracterizado pela tentativa de evitar a consciência da finitude.

Entretanto, é precisamente nesse encontro com a morte — que rompe a familiaridade do cotidiano — que o *ser-aí* é interpelado a assumir seu poder-se mais próprio, abrindo-se à possibilidade de uma compreensão mais autêntica de si e de seu

existir lançado no mundo. ao mundo, destinado a viver e compreender-se na transitoriedade do existir.

“Fiquei sem acreditar. Eu não aceitava. Você ter aquela certeza de que a qualquer momento a pessoa pode morrer, sem esperança, é horrível. Naquela noite mesmo, ele foi transferido e eu não pude mais ver, cuidar dele. Eu cuidava muito dele.” (P4)

“A gente não aceitava de jeito nenhum que uma pessoa de 29 anos pudesse morrer assim. Eu às vezes ria, sabe aquele riso de desespero? Eu ria e dizia ‘não, é impossível ele morrer de uma hora para outra’. E eu só acreditei quando levamos o corpo dele para o cemitério.” (P10)

À luz da fenomenologia existencial heideggeriana, a negação da morte expressa o movimento do *ser-aí* de afastar-se da angústia própria da finitude, evitando reconhecer o limite constitutivo de sua existência. Nos depoimentos das participantes P4 e P10, tal negação desvela um modo de fuga do ser-para-a-morte, no qual a dor e o sofrimento interditam a possibilidade de acolher a perda e integrar a morte do outro ao seu horizonte existencial.

O reconhecimento da morte, contudo, convoca o familiar a um novo modo de estar-no-mundo, atravessado pela ausência e pela consciência da finitude. A experiência da morte do outro, conforme expõe Heidegger, revela ao Dasein sua condição de ser-para-a-morte, abrindo-lhe a possibilidade de um encontro mais autêntico consigo mesmo, na medida em que a angústia o conduz à compreensão mais profunda de seu próprio existir.

3.1 Transcendendo o *estar-em-luto* sem seu parente que foi a óbito pela COVID-19

À luz da fenomenologia heideggeriana, a existência (Ex-sistência) do *ser-aí* se manifesta quando o familiar enlutado, ao confrontar sua finitude, volta-se para si mesmo e se relaciona com suas possibilidades, ideais e planos. Nesse movimento, integra temporalidade, factualidade e decadência, transcende o ente perdido e abre-se à compreensão autêntica do próprio existir.

“Fiquei como um desamparado. Acabei saindo da casa dos meus pais, porque ali tudo me lembrava dela. Sei que qualquer canto vai me lembrar, mas aquela casa era ela, tudo a lembra. E eu isolado em casa, porque além de não ter capacidade psicológica, as pessoas não se aproximavam com medo de pegar COVID. Foi horrível tudo isso. Era uma tortura.” (P6)

“Ninguém se aproxima da casa, com medo. Você fica sem assistência, isolada. As pessoas têm medo de morrer, de colocar a vida em risco. É tudo tão difícil. Foi uma avalanche que levou tudo, eu tive que retroagir minha vida inteira para viver o meu hoje, muitas coisas na minha vida foram interrompidas, e me sinto impotente, diariamente quero que aquilo não tivesse acontecido.” (P5)

À luz da fenomenologia heideggeriana, os relatos de P5 e P6 evidenciam que a morte de familiares desestabilizou o ser-enlutado, rompendo vínculos, projetos e sentidos compartilhados. A perda provocou transformações existenciais profundas, expondo a dificuldade de aceitar a finitude e o impacto do luto sobre o indivíduo e o sistema familiar.

O luto se manifesta como um modo de ser-no-mundo com o ausente, em que a memória preserva a presença do ente perdido. No contexto da COVID-19, a morte é experienciada como fatalidade e injustiça, revelando o esforço do Dasein em compreender o inaceitável e atribuir sentido à finitude que atravessa e transforma a existência.

“Eu não me conformo com essa doença. A gente se cuidou muito para não pegar, ele se cuidava demais para não se contaminar e é isso que me revolta, não ter adiantado de nada. Essa doença não é boa.” (P1)

“Sabe as pessoas que perdem alguém por acidente ou porque mataram? Pronto, eu me sinto assim. Parece que com ele não foi uma doença. Porque foi tudo tão rápido, uma pessoa jovem, de repente, é algo que a gente não se conforma de jeito nenhum. Tem sempre aquele “por quê”.” (P10)

À luz da fenomenologia heideggeriana, os relatos evidenciam que a morte abrupta dificulta a transcendência do luto, mantendo o ser-aí imerso em sua condição de ser-em-luto, na qual luto e existência se entrelaçam como uma unidade existencial. Progressivamente, o familiar reconhece sua condição de ser-para-a-morte, assumindo-a de maneira singular como possibilidade que permite antecipar seu próprio futuro (P4, P7).

“Ainda bate aquela coisinha, tem dias que mais forte. Mas o tempo faz a gente aceitar e entender que esse é o caminho de todos nós.” (P7)

“Sei que o mundo caminha, mas a dor ainda permanece. Mas procuro aceitar e entender que tinha que ser assim. Um dia eu também irei.” (P4)

A superação da perda exige que o *ser-aí* se relacione com algo que possibilite ir além de si mesmo, um horizonte que acolha seu projeto de transcendência. Nesse movimento, o ser não pode desprender-se das condições fundamentais que constituem

sua existência, pois é nelas que se fundamenta a abertura ao ser-no-mundo e às possibilidades autênticas de seu existir.

3.2 Temporalidade do luto vivido pelos familiares durante a pandemia

Na analítica heideggeriana, a temporalidade constitui o existencial que possibilita ao Dasein compreender-se em sua existência, articulando passado, presente e futuro como unidade própria do ser-no-mundo. Nesse horizonte, o familiar enlutado não permanece fixado no que foi, mas projeta-se sempre além de si, abrindo-se às possibilidades que ainda podem ser assumidas. O tempo que estrutura essa experiência não é o cronológico, mas o tempo vivido do luto, no qual o *ser-aí* dimensiona, a partir da perda, seu modo singular de estar-em-luto.

A elaboração do luto configura-se, assim, como movimento essencial de integração temporal, permitindo ao familiar reunir sua factualidade com seus projetos e retomar, de modo autêntico ou inautêntico, sua existência. Embora ausente fisicamente, o ente falecido permanece como presença significativa no mundo do enlutado, que ainda o sente e o rememora. Desse modo, o ser que partiu continua inscrito na existência do familiar, sustentando a tessitura temporal pela qual o Dasein reencontra sentido e possibilidade de seguir adiante.

“Eu agora vou à casa do meu pai para cuidar dele e sinto a presença dela. Olho para tudo que ela gostava e para o que ela fazia. Às vezes escuto até o barulho das panelas que ela fazia, é como se ela estivesse ali.” (P2)

“É horrível dormir só, tirar as roupas para doar, os utensílios, às vezes eu falo que vou fazer o prato dele, esqueço que ele não tá mais aqui. Escuto a voz dele dentro de casa, a risada.” (P4)

“Parece que é mentira ainda. Vivo como se ele estivesse na casa dele. Tenho a sensação de que ele está lá no cantinho dele, ou que ele viajou para Brasília, isso já com 11 meses que ele se foi. Não é como se a presença dele não existisse mais.” (P9)

“Inclusive, sonho toda noite com ele vivo, vivendo tudo de novo.” (P5)

“Claro que tudo eu me lembro dela, se faço comida, se uso roupa que ela fez para mim. A criança que adotei gosta das mesmas coisas que ela, é incrível, parece que ela está aqui o tempo todo.” (P6)

A dificuldade de desfazer-se dos pertences do ente falecido revela o enraizamento do familiar em uma temporalidade marcada pela presença-ausente do outro. A morte

introduz uma cisão no mundo cotidiano, e o familiar, agora lançado nesse novo horizonte, experimenta a ausência do ente querido como ruptura que atravessa passado, presente e futuro. Isso porque, para Heidegger, o Dasein não apenas vive o tempo — ele é temporalidade — e sua existência se compreende na unidade entre já-ter-sido, ser-aí e poder-ser.

O ser-enlutado, ao narrar sua vivência, mostra-se retido no passado, evidenciando que o luto não se submete ao tempo cronológico, mas ao tempo próprio do existir. As recordações não se extinguem com o passar dos dias, pois o falecido permanece como presença significativa no ser-no-mundo do familiar. Assim, o luto desvela-se como modo de ser em que a temporalidade existencial mantém vivo o vínculo com o ente perdido, integrando-o à experiência presente e às projeções futuras do Dasein.

“A tristeza toda que senti converti em saudade. Ele queria muito me ver casando, ele brincava com meu pai que entraria na igreja segurando no meu outro braço e a gente caía na risada. Quando lembro disso, bate uma melancolia, sei lá. Vou casar em junho e ele não vai estar aqui, e isso dói.” (P7).

“Minha companheira não estaria mais comigo, o meu amor. Alguém que vivia só para mim. Os cachorros sentiam falta. Eram sempre tristes, chorosos, uma nem comia direito, a mais apegada a ela, olhar para eles me lembrava dela demais. Ela é uma saudade constante e eu não quero nunca mais casar de novo, ninguém preencherá o espaço dela.” (P8)

“Assim que ele partiu, vieram muitos pensamentos de tudo que vivemos juntos. Desde criança até agora, um filme dos vários momentos que ele esteve comigo. Não consigo mais ouvir as músicas que adoro, sertanejo antigo, modão de viola, porque ele também gostava e eu lembro dele, aí eu não quero ficar chorando e me lembrando dele, eu evito.” (P9)

Quando o medo surge, este assume um significado existencial e temporal constituindo-se de um esquecimento de si mesmo e permite ao familiar o não reconhecimento de si no mundo circundante, tornando-se incapaz de perceber as possibilidades que o circundam, pois se torna um *ser-no-mundo* aflito e perturbado pela constatação de que aquilo que não foi pensado e planejado aconteceu.

“No auge da pandemia, tanta gente doente, morrendo, quatro pessoas da sua família doentes? É desesperador. Na hora em que entendi que ela havia morrido, já bateu o medo de que meu pai fosse também, pois eu não via como poderia lidar com isso.” (P2)

“Ficamos muito assustados. Era tanta gente morrendo que o medo era grande de que alguém da nossa família fosse também. Quando o hospital ligou para dar a notícia do falecimento dele, disseram que ele havia tido uma parada

cardíaca e eu não conseguia acreditar. Foi um choque. Eu só tinha receio de como seria agora.” (P3)

“Ele adoeceu, começou a ter febre, a garganta doendo. Quando deu positivo, ficamos com medo da morte e ele foi piorando, piorando. Dias depois, ele estava muito mal, muito cansado. Quando ele morreu, eu fiquei sem chão, com medo, paralisada.” (P1)

“Eu, particularmente, ainda tenho medo de trabalhar, de sair, medo de adoecer, vejo as pessoas muito nem aí, eu sei que o mundo caminha, mas a dor ainda permanece.” (P4)

Os depoimentos revelam que os familiares se viram lançados abruptamente na realidade da morte, experienciando um primeiro momento do luto marcado pelo medo. Tal medo, na perspectiva heideggeriana, não se reduz a um mero afeto psicológico, mas constitui um modo de ser que paralisa o Dasein ao confrontá-lo com algo ameaçador que se anuncia no horizonte de suas possibilidades.

O que é temido aproxima-se e invade o existir, configurando-se como um fenômeno que desestabiliza o ser-no-mundo e compromete sua capacidade de agir e de se ocupar cotidianamente. Assim, o medo não apenas afeta o familiar, mas determina o modo como ele se coloca no mundo e se relaciona com os outros, evidenciando a ruptura e o desamparo próprios da experiência de perda.

“Estou de luto ainda, dói muito, toda noite choro, eu lembro dele, é muito ruim perder alguém que convive conosco, que a gente ama, que a gente gosta. Eu nem sei se superei ainda essa perda. Eu brinco, para ver se sai de mim, do coração, eu sei que tenho que me acostumar.” (P1)

A expressão de P1 revela que sua dor se situa no presente, configurando-se como experiência temporalmente ancorada no agora, onde o sofrimento pela perda do marido se impõe de modo decisivo. O modo de ser de P1 desvela-se, portanto, a partir da temporalidade própria do luto, na qual o Dasein passa a existir como ser-viúvo, imerso em um padecimento que estrutura o seu estar-no-mundo. Tal constituição existencial também se manifesta no discurso de P4, em que o sofrimento presente evidencia como a perda reorganiza o modo de ser do familiar, orientando sua compreensão de si e de sua presença no mundo.

“A dor ainda permanece. É horrível, eu vivo assim sempre com uma dor, com uma ausência. A gente cuidava tanto dele e levar o corpo dele assim acabou comigo. Horrível!” (P4)

O depoimento de P4 revela que o luto não se organiza segundo o tempo cronológico, mas segundo a temporalidade própria do ser-aí. As lembranças do esposo e a dor de sua ausência permanecem como modos de presença que continuam a configurar seu estar-no-mundo. Assim, a perda não se fixa no passado, mas se atualiza no existir, mantendo-se como dimensão constitutiva da experiência do ser-enlutado.

O ato de lamentar não se reduz a mera expressão emocional, mas constitui um modo autêntico de temporalizar o luto, permitindo que o ser-aí deixe vir à presença a dor que o atravessa. A manifestação do sofrimento torna-se, assim, possibilidade de compreensão de si na finitude, desvelando o modo como o Dasein integra a perda à sua própria historicidade.

“Eu nem sei dizer se vivi um luto, se eu ainda vivo ou se vou superar, não sei explicar, porque parece que é mentira ainda. Vivo como se ele estivesse na casa dele.” (P9)

“Comecei a vê-la piorar, ficar desorientada, e pela minha experiência eu sabia que dificilmente ela sairia dali. Teve que ser entubada, mas não tinha ventilador disponível para ela. Imagine a minha impotência, eu vivi um luto de mãe viva, porque eu sabia que a morte dela ia chegar e de um jeito tão triste. Trago comigo esta tristeza.” (P2)

O depoimento de P2 desvela a intensidade do sofrimento vivenciado diante do adoecimento e da morte da mãe, revelando como as condições de sua terminalidade atravessam e dificultam o processo de elaboração do luto. As lembranças do padecimento e da finitude irrompem como experiências que sustentam a angústia, mantendo o ser-enlutado preso a um passado que insiste em se atualizar. Nessa perspectiva heideggeriana, os momentos vividos junto à morte — especialmente quando marcados por dor extrema — tornam-se acontecimentos que configuram o modo de ser-no-mundo do familiar, dificultando a abertura para novas possibilidades existenciais. Assim, a recordação do sofrimento da mãe não se apresenta como mero fato passado, mas como presença que impacta ontologicamente a temporalidade do Dasein enlutado, tornando mais árduo o movimento de significar e integrar a perda.

Na perspectiva heideggeriana, a compreensão do Dasein só é possível a partir da temporalidade, estruturada nos momentos do **porvir**, do **ter-sido** e da **presença**, que articulam as possibilidades futuras, a facticidade vivida e o modo de ser no presente. O luto dos familiares, marcado pela perda ocorrida em contexto pandêmico, evidencia essa estrutura temporal: o passado permeado pelas circunstâncias traumáticas da morte

permanece ativo na existência; o presente é atravessado por recordações que desvelam a dor e a angústia; e o futuro é continuamente reconfigurado nas possibilidades que o ser-enlutado tenta projetar. Assim, a pandemia intensifica a presença do ter-sido, que se impõe como reminiscência constante e interfere diretamente no modo como o familiar se compreende e se coloca no mundo, como evidencia o depoimento de P5.

“Eu ainda nem consigo viver outras coisas, estou muito presa a essa situação. Procurei um psiquiatra, quando cheguei e ele me perguntou por que eu estava ali, eu não lembrava. Eu estava em um choque tão grande que meu cérebro parecia querer me fazer esquecer. E eu encontrei na COVID, não só a questão da doença em si, mas essa coisa repentina, avassaladora, que traz medo, que está sempre aqui.” (P5)

Quando a morte alcança o *Dasein* ele não é mais *aí* (Da), pois a morte é a mais própria possibilidade do ser, embora continue pura possibilidade, sendo precisamente o que determina o ser do homem que sempre será um poder ser, até vivenciar a própria morte.

3.3 O familiar enlutado diante da possibilidade da morte

Na perspectiva heideggeriana, a morte constitui a possibilidade mais própria do *Dasein*, sempre já presente em seu horizonte de existência. No contexto do estudo, o familiar enlutado emerge como um ser-no-mundo que se encontra constantemente referido à possibilidade da morte, ainda que só a experiencie de forma indireta — pela morte do outro. A perda do parente, sobretudo em circunstâncias extremas como as impostas pela pandemia, intensifica essa compreensão, fazendo com que a ideia de morte se inscreva de modo mais vívido em seu existir.

Assim, para o familiar, a morte mantém-se como possibilidade sempre iminente, embora sua realização última ainda lhe falte. A existência só se completa enquanto totalidade na perspectiva da própria morte, que permanece como horizonte constitutivo do ser-aí e que, ao aproximar-se, revela a finitude como estrutura fundamental do existir.

O sofrimento vivido durante um processo normal de luto surge como oportunidade de aprendizado, transformação e desenvolvimento.

“Olhava para tudo que ela gostava e para o que ela fazia e doía muito. Talvez, se ela tivesse morrido de algumas das outras doenças que ela tinha, eu tivesse aceitado melhor. Sofro por ela ter morrido de COVID, por não ter o respirador.

Ela passou uma semana sofrendo, cansada, e não conseguiram uma UTI para ela.” (P3)

“Chorei tanto, mas tanto. Perder alguém querido assim, sem esperar, para uma doença sem explicação é desolador.” (P7)

A morte do outro, embora provoque sofrimento e abale o modo de ser-no-mundo do familiar, não conduz o Dasein à compreensão plena do sentido ontológico da própria morte. Contudo, o enlutado é interpelado pela facticidade de sua condição, pois a perda converte em presença aquilo que antes era apenas uma possibilidade distante. Ao acompanhar o morrer do ente querido, o ser-aí é lançado a múltiplas possibilidades de compreensão, uma vez que a morte do outro não encerra o seu próprio existir, mas o convoca a reconhecer sua finitude. Assim, o luto, ao mesmo tempo em que é vivido como ruptura e dor, também evoca a mortalidade constitutiva do Dasein, revelando a inevitabilidade e a irreversibilidade da morte como aspectos fundamentais de seu ser-no-mundo.

“Em nenhum momento eu me revoltei por causa disso, muito pelo contrário, porque tenho certeza de que se não fosse a hora do meu pai, ele não teria ido, então creio nisso, por mais difícil que isso possa parecer.” (P3)

“Foi quando fui entendendo o porquê. Chegou o momento, sabe?” (P8)

Na perspectiva heideggeriana, o luto pela perda de um ente querido não se limita a uma experiência afetiva dolorosa, mas constitui um chamado ontológico que desvela ao ser-aí sua própria condição de ser-para-a-morte. A morte do outro, embora não conduza o Dasein à compreensão plena de sua própria finitude, convoca-o à facticidade de existir entre possibilidades e limites. Nesse movimento, emergem conflitos, significações e ressignificações já inscritas na historicidade do enlutado, reveladas no confronto com a impossibilidade radical que caracteriza a morte.

Os discursos evidenciam que a vivência da perda desperta o ser para a inevitabilidade e irreversibilidade de sua própria morte, impulsionando-o a reavaliar valores, crenças e modos de compreender a vida, num processo em que o luto se torna possibilidade ontológica de transformação existencial.

“A gente vai solicitando força a Deus, vai orando, mas é muito difícil, porque a ausência, aquele vazio, aquela falta e você não entender. Acho que deixei de valorizar mais as coisas materiais, estou tentando mais viver o hoje, sem pensar

no amanhã. Trabalhar para mim tem sido uma saída, quero me especializar mais profissionalmente.” (P5)

A perda de alguém querido convoca o familiar enlutado a um confronto mais originário com a própria finitude. Nessa abertura existencial, o Dasein é interpelado a ressignificar seu estar-no-mundo, revisitando valores, modos de relação e compreensões de si. O luto desvela a transitoriedade da existência e possibilita um deslocamento do familiar em direção a novas possibilidades de ser frequentemente marcado pelo desapego material, pelo fortalecimento da dimensão espiritual e por uma busca de maior autenticidade em suas relações.

A fala de P5 desvela esse movimento existencial ao reconhecer a vida como efêmera e perecível após a morte do noivo. Nessa experiência, a morte do outro irrompe como possibilidade que ilumina, para o Dasein, a própria finitude, convocando-o a reinterpretar seu modo de ser-no-mundo e a reconfigurar suas possibilidades de existir.

Diversos familiares recorreram às próprias crenças religiosas como modo de acolher o sofrimento e dar sentido à perda. Esse movimento evidencia uma tentativa de fundamentar existencialmente a experiência do luto, buscando, nas referências espirituais, um apoio para habitar a ausência do ente querido e sustentar seu modo de ser-no-mundo diante da finitude.

“A cada dia eu só fiz rezar, solicitando a Deus que me desse força, porque, por mais que os amigos deem uma palavra de consolo, só Deus mesmo. Tive que tentar entender o propósito de Deus.” (P6)

Então, creio nisso, por mais difícil que isso possa parecer, eu creio que Deus é perfeito, ele não falha, ele não permitiria que uma vida se fosse, sem que de fato aquela fosse a hora certa. (P3)

A fé religiosa emerge, nos depoimentos, como um amparo que possibilita ao ser-á suavizar o sofrimento e atribuir sentido à perda. Nessa experiência, o familiar enlutado reconhece que a morte do outro não constitui apenas um término, mas revela a própria estrutura da existência como possibilidade-limite. Ao confrontar-se com essa presença da morte, o Dasein percebe sua própria finitude e a incompletude que caracteriza seu existir, sendo convocado a ressignificar o tempo, a vida e suas possibilidades.

Assim, a experiência do luto abre um horizonte no qual o ser-á revisita valores, projeta novos sentidos e compreende a necessidade de construir uma existência autêntica diante da inevitabilidade da morte.

“Hoje tenho certeza de que, se não fosse a hora do meu pai, ele não teria ido, como vai chegar a hora de todos nós, então creio nisso por mais difícil que isso possa parecer.” (P3)

“Ele tinha medo de morrer. Eu não tenho, nunca tive, sei que fomos feitos para isso, minha dificuldade é lidar com perdas, e essa perda dele foi a mais difícil da minha vida.” (P5).

A compreensão da finitude, enquanto possibilidade extrema e própria do Dasein, permite ao ser-aí apropriar-se de si mesmo na antecipação da morte. Ao assumir essa possibilidade como constitutiva de seu existir, o familiar enlutado reconhece que o ser que ele é se funda no ser-para-a-morte. Nessa abertura, a morte deixa de ser mero fim e torna-se a condição que possibilita todas as demais possibilidades, orientando uma compreensão mais autêntica do próprio existir.

“Hoje me cuido mais, procuro aproveitar mais meus dias, abraçar mais as pessoas que gosto. Quero viver mais coisas, não só pela morte do meu pai em si, mas pelo jeito que aconteceu, por essa pandemia, a gente só tem o hoje.” (P9)

“E eu adotei uma criança. Preenchi com o amor do meu filho. Isso tornou mais leve. Foi como pude esquecer um pouco do luto. Eu preenchi com o amor do meu filho, o do meu companheiro.” (P6)

Na vivência do luto, o familiar vê esvaziar-se o sentido habitual de sua existência. Tal desvelamento, marcado pela angústia, rompe a familiaridade do mundo e convoca o ser-aí a confrontar sua condição de ser-para-a-morte. Nesse movimento, os familiares buscam novas ocupações e possibilidades que lhes permitam reencontrar o sentido de seu existir. A abertura proporcionada pela angústia possibilita que o Dasein ultrapasse a decadência e se volte à descoberta de si mesmo como poder-ser.

4 DISCUSSÃO

O estudo evidencia que a impossibilidade de “estar-com” no momento final da vida e a limitação dos rituais funerários lançaram o Dasein em uma experiência de luto marcada por desorientação e solidão ontológica. Tal resultado aparece nos relatos dos participantes (P7, P9, P4) e é reforçado pela literatura. Autores como MACHADO e SOUZA (2020) apontam que a pandemia introduziu importantes complicadores no processo de luto, especialmente a morte repentina, a impossibilidade de acompanhar o cuidado e a ausência de rituais de despedida. Esses elementos dificultam a mediação

simbólica da perda e o reconhecimento da morte, aspecto evidenciado no relato de P6 ao afirmar que o corpo foi “enrolado em um saco”, revelando uma vivência de despedida marcada por sofrimento e indignação.

De forma semelhante, ANDRADE *et al.* (2025) destacam que a supressão dos rituais fúnebres intensifica o sofrimento psíquico, pois tais ritos cumprem importante função social e simbólica de confirmação da realidade da perda. Nos relatos deste estudo, a dificuldade de aceitar a morte manifestou-se por meio da incredulidade e da negação (P9, P10), expressas na sensação de que o corpo “parecia um boneco”. Tais experiências revelam a ruptura abrupta com a continuidade da existência cotidiana e o confronto repentino com a finitude.

Além disso, observou-se que o processo de luto foi atravessado por sentimentos de choque, pânico, vazio existencial e ausência de sentido (P4). Esses elementos indicam o confronto do Dasein com sua vulnerabilidade ontológica, evidenciando como a morte do outro desvela a própria finitude. A sobreposição de perdas, como a morte de familiares associada à ruptura da rotina e da estabilidade social (P5, P6), intensificou o sofrimento e sobrecarregou a capacidade de enfrentamento dos participantes, fenômeno também discutido por SANTOS *et al.* (2025). A metáfora da “avalanche que levou tudo” (P5) ilustra a desestruturação do ser-no-mundo, rompendo vínculos e significados que sustentavam a existência cotidiana.

Nesse contexto, a literatura aponta que experiências traumáticas de perda podem evoluir para quadros de sofrimento persistente. OLIVEIRA *et al.* (2025) destacam que a permanência do vazio e da não aceitação da morte pode estar associada ao Transtorno do Luto Prolongado, condição caracterizada por sofrimento intenso e dificuldade de reintegração da perda à vida. A fala de P4 (“Eu não aceitava”) exemplifica esse processo, revelando a dificuldade de integrar a experiência da morte à própria historicidade.

Outro aspecto evidenciado foi o sentimento de culpa presente nos relatos dos familiares (P2, P4, P6), frequentemente associado à sensação de que poderiam ter feito mais pelo ente querido. No plano existencial, essa culpa pode ser compreendida como parte do movimento de decadência do Dasein, na medida em que o indivíduo se volta ao passado na tentativa de evitar o confronto com a própria finitude. Estudos indicam que esse sentimento é comum no processo de luto, especialmente em contextos de isolamento e incerteza como o vivido durante a pandemia (MACHADO; SOUZA, 2020; ANDRADE *et al.*, 2025).

Entretanto, na perspectiva heideggeriana, essa culpa ultrapassa o plano moral, revelando uma responsabilidade existencial diante das escolhas e limites da condição humana.

Diante desse cenário, o cuidado em saúde assume papel fundamental no acolhimento do sofrimento dos familiares. GOMES e SANTOS (2023) ressaltam que a assistência ao luto deve considerar não apenas aspectos clínicos, mas também dimensões emocionais, sociais e espirituais. A enfermagem, nesse contexto, possui papel essencial na escuta, orientação e apoio aos familiares, contribuindo para a ressignificação da perda e para a reconstrução do sentido da existência. ARAUJO *et al.* (2023) reforçam que compreender o impacto do luto na saúde coletiva permite ampliar estratégias de cuidado e acompanhamento profissional.

Ao analisar a experiência do luto no contexto da pandemia, este estudo também evidenciou a presença de um luto traumático, caracterizado pela morte inesperada e pela ruptura abrupta dos projetos de vida. De acordo com SHEAR e SIMON (2018), mortes súbitas e chocantes podem gerar um processo de luto marcado por negação, sensação de injustiça e dificuldade de aceitação. Esses elementos foram identificados nos relatos dos participantes, especialmente na percepção de que a morte ocorreu de forma injusta ou incompreensível (P1, P10).

O isolamento social imposto durante a pandemia intensificou ainda mais o sofrimento, pois limitou o suporte social necessário para a reconstrução do ser-com. O medo da contaminação e o afastamento das redes de apoio ampliaram a sensação de desamparo, como descrito por P6 ao relatar que as pessoas evitavam se aproximar. MACHADO e SOUZA (2020) ressaltam que tais condições favoreceram experiências de solidão e vulnerabilidade entre familiares enlutados.

Apesar da intensidade do sofrimento, também emergiram nos relatos movimentos de ressignificação da experiência da perda. Alguns participantes relataram mudanças nas prioridades de vida, valorização das relações e fortalecimento da espiritualidade. Esse processo pode ser compreendido à luz da teoria do Crescimento Pós-Traumático, que descreve transformações positivas decorrentes da vivência de eventos profundamente desafiadores (TEDECHI; CALHOUN, 2018). Nos relatos deste estudo, tal movimento aparece na valorização do presente (“viver o hoje”) e na busca por novos sentidos para a existência.

A espiritualidade também se destacou como importante recurso de enfrentamento. A fé foi mencionada como fonte de conforto e esperança (P3, P6), contribuindo para atribuir significado à perda e sustentar o processo de reconstrução existencial. Segundo NEIMEYER (2021), a elaboração do luto envolve a reconstrução de sentidos diante da ruptura provocada pela morte, sendo as crenças espirituais importantes estruturas simbólicas para esse processo. De modo semelhante, OLIVEIRA *et al.* (2025) apontam que a espiritualidade pode atuar como fator protetor na elaboração do luto prolongado.

Outro elemento relevante foi a manutenção do vínculo com o falecido, evidenciada nas lembranças, na sensação de presença e na dificuldade em se desfazer de objetos pessoais. Esse fenômeno pode ser compreendido a partir da teoria dos laços contínuos, que reconhece a manutenção simbólica da relação com o falecido como parte saudável do processo de luto. PARKES (2020) afirma que a presença simbólica do ente querido permite integrar a perda à história de vida do enlutado, sem que isso represente estagnação ou incapacidade de seguir adiante.

Por fim, a análise fenomenológica evidenciou que o luto provocado pela pandemia não se restringe a uma experiência emocional, mas constitui um acontecimento existencial que reconfigura o modo de ser-no-mundo dos familiares. O encontro com a morte, especialmente em circunstâncias traumáticas, convoca o Dasein a confrontar sua própria finitude e a reavaliar seus projetos de vida. Nesse sentido, o luto, embora doloroso, pode também abrir possibilidades de transformação, crescimento e reconstrução de sentido diante da inevitabilidade da morte.

5 CONCLUSÃO

A investigação sobre a existência de familiares enlutados pela perda de parentes por COVID-19 exigiu um movimento analítico cuidadoso entre aproximação e distanciamento das vivências narradas. O referencial heideggeriano sustentou a interpretação fenomenológica, permitindo desvelar sentidos profundos do luto em um contexto pandêmico marcado por medo, ruptura e intenso sofrimento. Os resultados evidenciaram tanto a complexidade emocional do período quanto a possibilidade de reconstrução da autenticidade e de um novo modo de compreender a existência, o ser-para-a-morte e o luto como modo de ser-no-mundo.

Constatou-se a necessidade de atenção e cuidados específicos aos enlutados, devido às condições adversas que dificultaram a elaboração da perda e podem intensificar o adoecimento psíquico. Os achados oferecem subsídios para a prática e o ensino em enfermagem, reforçando a importância de incluir conteúdos sobre assistência ao luto e de formular políticas públicas adequadas às necessidades dessa população.

Embora o fenômeno possa assumir outras configurações em diferentes contextos, esta pesquisa contribuiu para ampliar a compreensão do luto em condições extremas e alcançou seu objetivo ao analisar, pela fenomenologia existencial, a experiência de familiares enlutados. Ressalta-se, por fim, a importância de estudos futuros que aprofundem aspectos ainda pouco explorados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Natália de *et al.* **Efeitos psicológicos do luto no período pandêmico: uma revisão integrativa.** *Revista Científica Unilago*, São José do Rio Preto, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2025.

ARAÚJO, Joviania dos Santos Cacho de *et al.* **Transformações do luto: uma análise interdisciplinar de sua evolução e impacto na saúde coletiva.** *Revista Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 27, n. 129, p. 1-14, dez. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/transformacoes-do-luto-uma-analise-interdisciplinar-de-sua-evolucao-e-impacto-na-saude-coletiva/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

BOSS, Pauline. **The Myth of Closure: Ambiguous Loss in a Time of Pandemic and Change.** New York: W. W. Norton & Company, 2022. 181 p.

CASTAÑEDA, R. F. G.; MENEZES, T. M. O.; VARGAS, M. G. O. **Characteristics of the phenomenological interview in nursing research.** *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 38, n. 2, e67458, 2017. DOI: 10.1590/1983-1447.2017.02.67458.

GOMES, Jessica Nunes; SANTOS, Sâmara Mendes dos. **A atuação do enfermeiro no processo de luto na unidade de terapia intensiva: revisão de literatura.** *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, v. 5, n. 3, p. 1-14, jul./set. 2023.

JANOFF-BULMAN, Ronnie. **Shattered Assumptions: Towards a New Psychology of Trauma.** New York: Routledge, 2018. 200 p.

MACHADO, D. B. *et al.* **O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia.** *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 509–533, 2020.

MACHADO, Roseli Belmonte; SOUZA, Maicon Fernando Costa de. **Luto em tempo de coronavírus: o impacto da pandemia no processo de luto. Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 4, p. 1-12, 2020.

NEIMEYER, Robert A. **Techniques of Grief Therapy: Assessment and Intervention**. 3. ed. New York: Routledge, 2021. 624 p.

OLIVEIRA, Sara Arrais Garcia de *et al.* **A presença na ausência: dimensões biopsicossociais do transtorno do luto prolongado e o impacto das sessões mediúnicas**. SciELO Preprints, [S. l.], 13 mar. 2025.

PALHARES, Regiane. **A entrevista fenomenológica**. In: Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos (IV SIPEQ). ISBN 978-85-98623-04-7, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/6538115/A_entrevista_fenomenologica. Acesso em: 12 nov. 2025.

PARKES, Colin Murray. **Bereavement: Studies of Grief in Adult Life**. 5. ed. New York: Routledge, 2020. 368 p.

SANTOS, Ana de P. Nunes Arruda dos *et al.* **Perdas múltiplas no contexto da pandemia: estudo de caso na perspectiva da abordagem centrada na pessoa. Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 13, n. 33, p. 147–168, jan./abr. 2025.

SANTOS, Maria das Graças Ferreira dos; FERREIRA JÚNIOR, Nivaldo. **Deslocamento compulsório: relatos de um luto não elaborado**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 12, n. 2, p. 38-56, ago. 2021.

SHEAR, M. Katharine; SIMON, Naomi M. **Complicated Grief**. *The New England Journal of Medicine*, Waltham, v. 379, n. 11, p. 1050-1059, 2018.

SILVA, Maria Aparecida da; SOUZA, João Pedro de. **A pandemia passa: reflexões sobre o luto e as perdas vividas durante a pandemia. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 1-13, 2024.

SILVA, S. L. A. da; GUIMARÃES, M. C. M. **Luto e o enfermeiro: desafio e necessidade de capacitação. Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 3, n. 4, p. 11-17, 2020. Disponível em: <http://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/enfermagem/article/view/178/148>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TEDECHI, Richard G.; CALHOUN, Lawrence G. **Posttraumatic Growth: Conceptual Foundations and Empirical Evidence. Psychological Inquiry**, Philadelphia, v. 29, n. 3, p. 101-118, 2018.

Contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento deste artigo.

Disponibilidade dos dados

Todos os conjuntos de dados relevantes para as conclusões deste estudo estão totalmente disponíveis no artigo.

Como citar este artigo (APA)

Lima, D. K. de S., Vilela, D. H. de L. A., Comassetto, I., Peixoto, T. da F., Santos, A. A. P. dos, Bernardo, T. H. L., & Paes, V. C. (2026). O LUTO DECORRENTE DA PERDA DE UM FAMILIAR DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19. *Veredas Do Direito*, 23(5), e235523. <https://doi.org/10.18623/rvd.v23.5523>